

Ver-O-Peso

O Empório Índio do Rio e da Floresta

Amarílis Tupiassu

Doutora em Letras. Professora da
Universidade da Amazônia - UNAMA

Este é um trabalho de encomenda, cuja elaboração resultou em enorme contentamento por ocasionar um rápido reencontro com a memória infante e com um dos logradouros mais belos de Belém. Foi feito para compor o dossiê da Prefeitura Municipal de Belém enviado à UNESCO, como um dos documentos a subsidiar o processo de tombamento do Ver-O-Peso à condição de Patrimônio Universal da Humanidade.

A vivência de paraense e poder deter-me no exame das feiúras e belezas, dos males e virtudes da feira apolaram essa minha contribuição à valorização de Belém.



"e estas canoas, e os mantimentos para elas, e os remeiros, e os gulas, e os principais defensores, tudo são índios e tudo é dos índios"

(Padre Antônio Vieira)

"Mas poucos sabem qual é o rio da minha aldeia.
E para onde ele vai.
E donde ele vem"

(Fernando Pessoa)

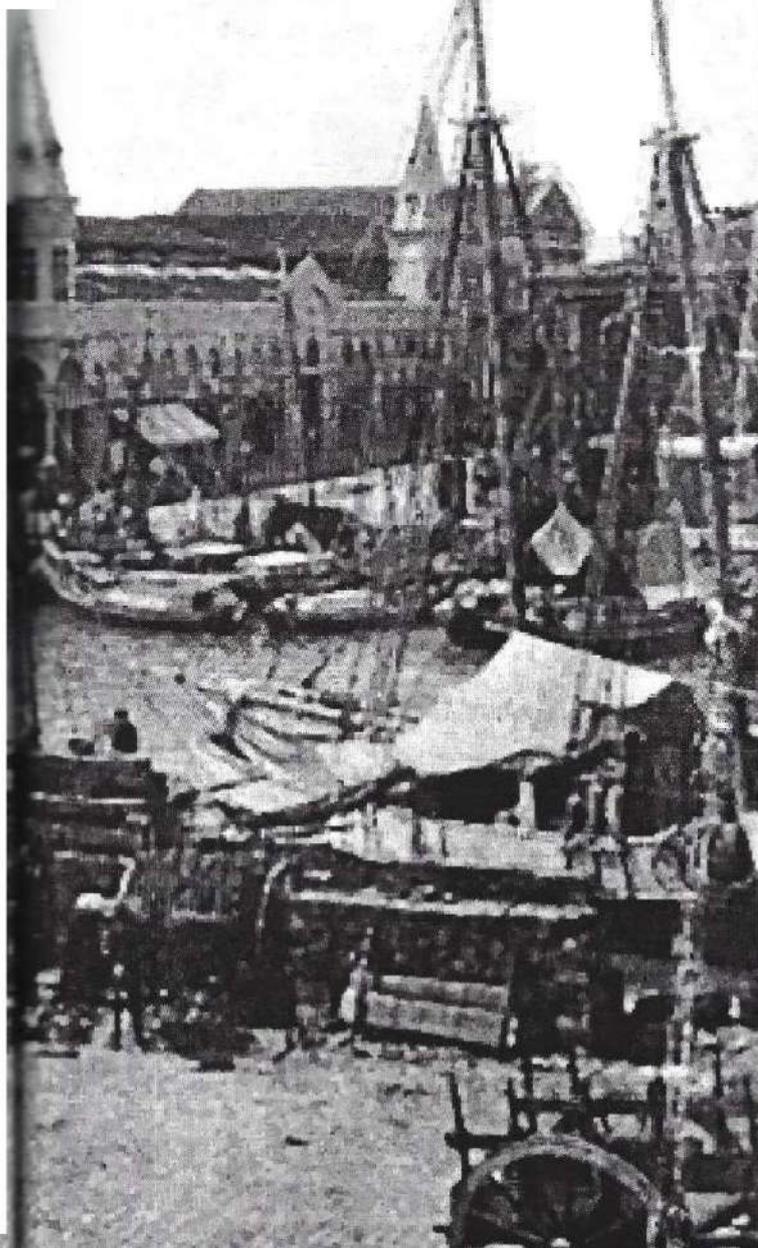
"Onde eu nasci passa um rio,
que passa num igual sem fim,
igual sem fim, minha terra,
passava dentro de mim"

(Caetano Veloso)

Para compreender o Conjunto Ver-O-Peso é preciso enquadrá-lo no mágico, magno labirinto zôo-hídrico-botânico amazônico de que faz parte, como mostra viva de uma arquitetura inaugural e da cultura indígena ressonante no bulício do caboclo que, no ainda por irromper o sol, atravessa o Guamá e a baía à faina do dia-a-dia. No tempo em que só nos revoltos ou remansos das águas se alcançavam essas margens, o complexo aquático em que se abre o Ver-O-Peso, na voz do índio, era Paraná-açu. Se "paraná" quer dizer igual a mar, e "açu" envolve-se entre os sentidos de grande, importante, decisivo, o primeiro nome já bastara para marcar o superlativo da geografia. Sobre tamanha grandeza, assente desde o trabalho de nomear, assim se manifesta o padre Vieira no Sermão do Espírito Santo:

O mar mediterrâneo no mais largo da boca tem sete léguas, e o rio Amazonas olenta; o mar Mediterrâneo do estreito de Gibraltar até às praias da Síria, que é a maior longitude, tem mil léguas de comprimento, e o rio das Amazonas da cidade de Belém para cima, já se lhe têm contado mais de três mil, e ainda se lhe não sabe o princípio. Por isso os naturais lhe chamam Pará, e os portugueses Maranhão, que tudo quer dizer mar e mar grande.

Por esforço de pronúncia, o português se vê adaptando ao seu aparelho vocal a nomeação daquele enorme encontro de Igarapé, rio, baía, já salobra por conta do Atlântico, esse mundo todo a moldura natural do Ver-O-Peso. Não obstante o batismo oficial lusitano fazer surgir nesse entremeado o unilateral, belo e ressonante Feliz Lusitânia, como um selo, um timbre da vitória sobre o tupinambá, a designação pará/grande dada pelo homem brasileiro permaneceu, impôs-se como signo de desmesura,



de grandiosidade. Tanto que, no passar dos tempos, guardou-se o Paraná-açu numa forma aos poucos reduzindo-se no decorrer de uma surda e invisível batalha lingüística, no fim da qual venceu a dicção nativa. O embate vai a um grau a surgir uma toponímia mista - a linguagem talvez a primeira a miscigenar-se - construída de uma metade lusa grudada numa metade Índia. Nasce o substantivo composto Grão Pará, uma denominação que não persiste, não vinga, com certeza pela atmosfera penetrada do vigor ameríndio que se irradia da floresta, do aguaceiro em todas as direções do território amazônico, e se entranha no jeito dos seres, no modo de ser do paraense. Daí que o troféu final (de palavra) acabe por conduzir ao índio e ao seu singelo topônimo Pará, nome do lugar no seio de que se engasta o Ver-O-Peso. Destacado o prisma que centraliza essa feira, pode-se dizer que ela ressaí sob os influxos de um bordado de águas. Ressaí encravada em um costurado de leitos liquescentes (que são ou tendem a ser líquidos), debruçando-se sobre uma baía, o largo que recepçiona e acolhe um rio cuja nascente se esconde nos entrançados de matas do ventre da floresta. Às costas, o Ver-O-Peso traz um extenso manto de terras ensopadas pelos veios de um igarapé, terras salpicadas de um arbusto dos pântanos, o piri, excelente para o fabrico de utensílios variados. Com as fibras do piri os índios deviam tramar suas horas de enleios, urdindo tecidos, mundo de esteiras. Do recorte longínquo da paisagem da feira vinham à gente nativa muito mais os ruídos oceânicos e o vislumbre de alguma coisa muito grande, muito longe, muito maior que o conhecido, só possível de abarcar com o desejo. Esse ponto entrado na terra onde se foi fazendo a feira, com certeza era o dreno das águas do igapó, excessivas à época das enchentes, à época das enormes chuvaradas de março, abril, o período das muitas e intermináveis, fartas ou finíssimas (quase neblinamentos), chuvas amazônicas.

É nesse intrincamento de terra firme, terra alagada, igarapé do Piri, rio Guamá, Guajará, Atlântico, água doce, água salgada, que se forma o Ver-O-Peso e sua extraordinária multivariada de odores, tons, sobretons advindos dos produtos expostos ali, ao

ar livre, ao alcance imediato das sensações, do olfato, do tato em experimentação gustativa, produtos anunciados entre alaridos no festim da compra e venda. Por tudo isso, o Ver-O-Peso se constitui o complexo emblema norista. E compõe, ao mesmo tempo, a síntese poli-plurifacetada da floresta, do viço, dos excessos proporcionados por ela, bem como dos frutos provindos das águas fluviais e marítimas dos entornos. Nesse recanto de incrível beleza plástica, sonora, nessa reunião de gente de cor vária, com predomínio de uma gente amarronzada, nesse encontro polimorfo de um tudo muito vigoroso, é que se celebra, ao alvorecer de todas as manhãs, um ritual típico, ribeirinho e marítimo, repetido desde 1688, data em que, às instâncias da Câmara de Belém, houve-se por bem assentar um posto de fiscalização alfandegária para ver o vero peso e o preço "d'as drogas que saem daquela Conquista".

À chegada, os lusitanos procuraram local de onde melhor pudessem divisar aquele horizonte complicado. Na planura que marca a paisagem, destacava-se um ponto sobressaliente, elevado, altivo, de nome índio Mairy. Ali se estabeleceu o forasteiro, à entrada do desconhecido, tendo junto a si no alto, à retaguarda, os alagados verdes quase intransponíveis do igarapé do Piri. Assim situado poderia manter-se também atento à margem imediata lá embaixo onde os tupinambá um dia amarraram suas igarités e ubás primordiais. E em posição de guarda, em vigia, encastelado no alto daquele terraço a dominar a paisagem de perto e de longe, nascia o Forte do Presépio.

Hoje, ano 2000, os atores desse ancoradouro são caboclos paraenses, os atores anônimos à proa das cenas diárias nem sempre líricas da feira, os brasileiros mais assemelhados na aparência aos brasis ancestrais. De tal modo que, passeando pela Belém do 20 de maio de 1927, Mário de Andrade não conteve o pasmo, um ligeiro e divertido pasmo, que difunde, apesar do tom brincalhão, uma tese antropológica sobre a gênese do homem índio: "Belém é a cidade principal da Polinésia. Mandaram vir u'a imigração de malaios e no vão das mangueiras nasceu Belém do Pará" (In, *O turista aprendiz*. São Paulo, Duas Cidades, 1983, p. 63).

Há muito se diz de uma Belém européia entremeando-se numa Belém indígena, ambas visíveis a olho nu. Exatamente como a percebeu de pronto Mário de Andrade. De fato, as duas coexistem nas fraldas do leque aquático que banha as áreas compreendidas pelo Conjunto Ver-O-Peso. São águas de duas grandes embocaduras, quais sejam, a do portal fluvial por onde se cruzam ligeiras montarias, cascos (a lembrar igarités, ubás), vigilengas, gaiolas, vaticanos, motores "popopôs", e outras embarcações nativas de cursos

Doca do Ver-O-Peso. In: *Belém da Saudade - A memória de Belém no início do século em cartões-postais* / SECULT, 1998, p.55



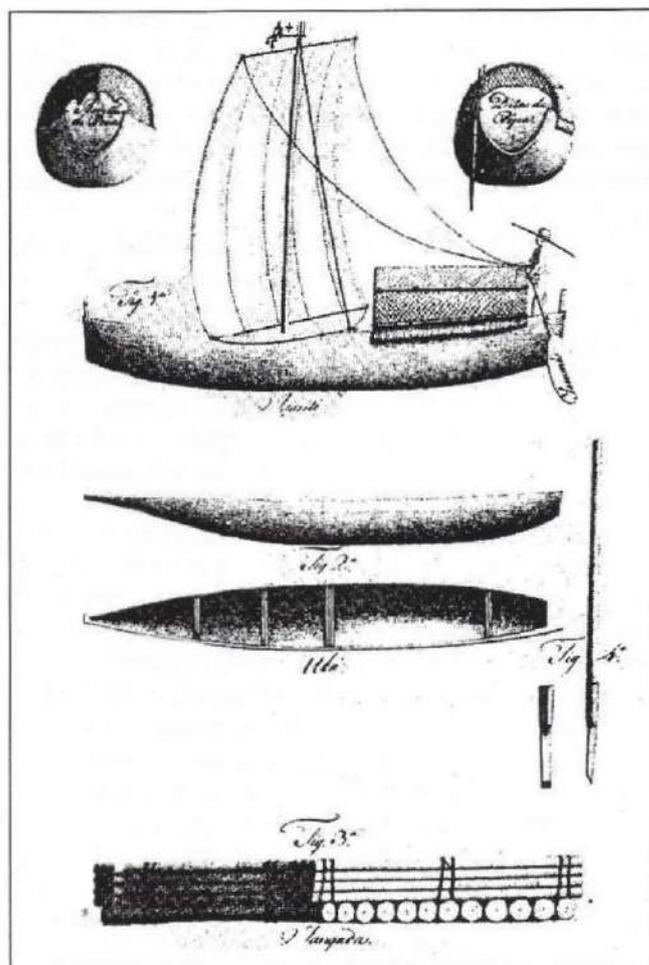
menores quase mágicas no surgir inesperado e sumir, num átimo, entre a maresia à morada distante. São exímias nesse surgir e sumir ao embrenharem-se sutis por entre o cinturão da mata, aparentemente compacta que se abre aqui, além, dando passagem aos corredores dentro do verde; dando passagem ao interior da selva normalmente tendendo ao demoníaco, conforme a precariedade dos teres e haveres do homem que a povoa.

Pelo outro pórtico, ultrapassados os largos do Marajó (*Mbarajó*, segundo a etimologia índia, "ante-paro do mar"), ressei-se às vagas atlânticas, o acesso aos longes do mundo.

É por conta dessa geografia que se enformam as duas Beléns. Uma nativa, índia, cabocla. Outra cosmopolita, refinada, glamurosa. E, por conseqüência, duas concepções de Ver-o-Peso. Um primeiro que se interliga aos furos, Igarapés, às águas menores, estas as pontes líquidas que atravessam dos redutos do imprevisível tudo da Hiléia para abastecer a feira do Ver-O-Peso integrada no Conjunto Ver-O-Peso, este mais afeito à existência de uma Europa do outro lado das grandes águas atlânticas.

Quem dirigiu as primeiras tramas, os primeiros dramas do Ver-O-Peso cosmopolita e monumental foram os militares do Forte, também ardentes evangelizadores. Suas marcas militares e de fé cristã, espelho de majestade, poderio e glória, espalharam-se logo, porém, sob os apelos do rio Guamá, não sob os marulhos da baía de Guajará, ante-sala do mar. As primeiras ruas abertas buscaram o sentido das águas fluviais, como o demonstra o lineamento primeiro do núcleo pioneiro da Cidade Velha que, depois do ano 1616, ramificou-se, derivando de uma pequena primeira via talhada diretamente da atual Feira do Açaí, esta quase escostada à plataforma do portão alfandegário instituído em 1688, e este, por seu lado, localizado antes da enseada que forma uma antiga Beira da Praia. A primeira via, hoje Ladeira do Castelo, rompe da frente de uns lindos sobradões como que esquecidos ali, grudadinhos uns aos outros, talvez desprezados e mal usados, e desce pelo paredão lateral do antigo Arcebispado, renascido, restaurado como complexo da Igreja de Santo Alexandre. Essa rua, quase passagem ou corredor, estreita e tortuosa, essencial ao espraiamento dos produtos da primeira Belém circunscrita à Cidade Velha, fechou-se depois por força de arbítrio ou perda de importância. Reaberta, relume, recende à quietude de outrora como componente vivo da memória espacial da cidade, uma rua, um acesso apenas, ressuscitado como a lembrar de um anterior caminho aberto à força do muito pisar de pés (de tupinambás escravos?) rumo ao largo da Sé.

No largo da Catedral da Sé, que mãos terão levantado aquelas belas e severas naves? Só é possível reconstituir esta História por inferências e deduções. Com certeza a história falaria de sangue tupinambá, ao juízo de Vieira, "a gente mais nobre e



Uma igarité, uma ubá e uma jangada. Alexandro Rodrigues Ferreira (1756-1815). In: *Amazônia Redescoberta no Século XVIII*. Biblioteca Nacional, 1992

mais valorosa de todas estas terras" (In, *Carta LXXIV*). Mas a verdade é que, nesse largo, num alinhamento de triângulo retângulo, continuam se entreolhando, se vigiando, a Catedral Metropolitana frente a frente à Igreja de Santo Alexandre, postando-se logo ali perto o Forte do Castelo antes Forte do Presépio. A disposição das três edificações testemunha o crescimento imediato da cidade (no sentido das águas para o continente) pela frente do lago, igarapé do Piri e por trás do rio Guamá, mas fora da influência cultural das águas doces, visto corporificar-se na praça da Sé uma forte simbologia da expansão colonial européia, isto é, a cruz e a espada, mencionadas por Camões em *Os Lusíadas* como emblemas imprescindíveis ao conquistador dos mares. De fato, na angulação dessa praça, ficou inscrito o poder militar que se alçou ao terreno mais elevado da antiga Belém, sendo que o fortim transpassa do rio para o largo onde se destaca, ainda nestes dias, uma ancha edificação, antes militar, no encurvamento para aquela que deve ter sido um segundo e maior corredor aberto, a rua do Norte, depois renomeada Siqueira Mendes. As duas igrejas parecem dois vigoroso-

sos braços, robustos, majestáticos, distendendo gestos de proteção, uma para os fundos para onde se interiorizou a Cidade Velha, e a outra, para o forte, no que fazem jus à magnitude da fé ali instalada a abençoar as almas que, desafiando as lonjuras em meio às tantas escaramuças à época, necessitassem de amparo divino.

É intrigante que nas calhas do rio Guamá e não nas da baía, conduto às vastidões marinhas, se tenham enraizado os tentelos iniciais da Belém emergente, portentosa, rica. Por que terá sido assim? Ora, o forte resguardava a integridade do território, é certo. Mas o território era o empório de inimaginável riqueza - apostava o português - gerada no seio das matas e das águas. Belém não se fez por ajuntamento paulatino e casual tomada uma motivação congregadora. Foi fundada por decisão prévia, em conformidade com orientações oficiais, para projetar-se como portal controlador, como barreira, refreamento aos ímpetus conquistadores não lusitanos. Vendo bem, as condições ambientais inóspitas tendiam antes a expulsar o branco lusitano. Sim, há-de se convir que, limitados pelos rigores do clima tórrido, pelas chuvaradas, pela umidade, pelas ferezas selváticas prontas a assolar, pelas doenças, pelas distâncias, o português haveria de apegar-se ao imediato mais visível, previsível, controlável, depois de pacificar-se com os índios Tupinambá. Pacificar para sobreviver deve ter sido a ordem. Conviver com as estranhezas do meio e do índio junto ao índio deve ter sido o imperativo, o único caminho, pois só além, muito além do longe se situava o Portugal dos valimentos, da medicina europeia, dos hábitos alimentares europeus, da cultura europeia. É, esse deverá ter sido o motivo para se ter fortalecido uma Belém mais indígena, culturalmente viva no Pará; vivíssima na flora, na fauna, nas comidas e nos sonhos que alimentam as crenças no Ver-O-Peso. Acossado pelas dificuldades, o branco luso teria de valer-se, de ser dependente do pardo índio, já que aquele era o intruso a arrogar-se a posição de proprietário do território apavorante ao forasteiro, mas já domado, amaciado, nomeado e conhecido na palma da mão do homem índio.

A Cidade Velha das casas e dos monumentos evidentemente europeus não foi obra imediata. Houve, terá de ter havido antes, uma Cidade Velha mais visivelmente silvícola. Apesar de muito se ter registrado só sobre as passadas e as façanhas do colonizador, é possível aqui e ali, nos esparsos, nas entrelinhas, vislumbrar um pouco da História do índio. O padre Vieira, por anos hóspede destes nortes, sendo o magistral, o finíssimo observador e registrador destas paragens, chega-nos em apoio. Recém-chegado a Portugal depois de preso em Belém e expulso do Norte por colonos luso-brasileiros, assim se refere, em 1662, à capital do Pará: "Levantou o Demônio este fumo ou assoprou este incêndio entre as palhas de quatro choupanas, que com nome da

cidade de Belém, puderam ser pátria do Anticristo". (In, *Sermões, Sermão da Epifania*. Porto, Lello&Irmão, II, 1959, p.61). Descontada a ira, a justa e intransigente revolta desferida nesse sermão, não seria gratuita e desmotivada a menção a um dos elementos naturais mais recorrentes às elaborações indígenas: a palha. Em *Carta Ao Rei D. João IV* do abril de 1654, o mesmo Vieira conclui:

porque estas terras não são como as da Índia ou Japão, onde os religiosos vão de cidade em cidade; mas tudo são brenhas sem caminho, chelas de mil perigos, e rios de difficuosissima navegação, pelos quais os missionários não hão-de ir andando, senão em canoas, essas, muitas e bem armadas, por causa dos bárbaros; e estas canoas, e os mantimentos para elas, e os remeiros, e os guias, e os principais defensores tudo são índios e tudo é dos índios.

(In, *CARTAS I*, coordenadas e anotadas por J. Lúcio de Azevedo, Lisboa, INCM, s/d, 423)

Eis porque se pode falar de uma Belém das Igaritês, das ubás, dos casquinhos, das montarias, dos "popopôs", de uma Belém indígena aportando à doca do Ver-O-Peso onde deve residir a alma remanescente de um Igarapé, presa à água do rio que escorre a desaguar na baía, esta, por sua vez, condução ao mar. As águas salgadas, entretanto, dificilmente são alcançadas por passos caboclos. A Belém da feira do Ver-O-Peso sempre foi mais animada, no muito mais das vezes, por um remeiro que, ressaído das entranhas da floresta por onde vaga, atravessa a baía ou o Guamá e, tão logo chega, espalha sobre as calçadas dos beirados da doca citadina aquilo que a selva lhe ofertou ao alcance das mãos. Ao final da Jorna, do parco ganho diário, interna-se de novo em algum ponto de seu universo de água e mata.

Allás, seria urgente abelrar-se dessas margens remotas para compreender aquilo que com tanta facilidade se nomeia como a proverbial preguiça desse caboclo extrativista e escambador. Esquecido pela civilidade, nem acolhido, ignorado pela sociedade regida por direitos constitucionais de papel; sem os fumos das academias nem os documentos do cidadão, move-se aos ritmos dos ciclos da natureza, à vazante e à enchente da maré, ao tempo do plantio e ao tempo da colheita, da nascença do filho, tempo da cheia, da muita chuva ou da pouca chuva, move-se sob a influência das luas e do bom ou mau olhado. Assim se imprime a sua errância. Como o ancestral índio - de quem puxou as marcas mais fortes do tipo físico e o modo de ser, de comer - não sabe acumular. Apesar de não ter herdado o nomadismo, pouco cultiva. Como o índio, não é dado a enxadas, enxós e a grandes plantios. Suas colheitas, prepara-as a natureza. Alimenta pequena criação prevendo o resguardo da mulher à época de parir. Ou para o caso de alguma doença em que urge não facilitar com comida remosa. Vive suas horas regido por uma

espécie de *carpe diem* caboclo, ou seja, o seu destino é um tempo presente quase absoluto. Seus mais fascinantes super-homens atendem pelo nome Cobra Grande, o gênio a torcer aos sentidos do mal, e o Boto, encantando e malhando nas enredações das paixões. Seu futuro vai até onde levam os cursos das enchentes e vazantes das marés. Assim vagueia esse amazônida dos fundos dos rendilhados das pequenas correntes, dos furos, dos Igarapés, como se *mundiado* pelas águas sempre a fluir e pelo matizado do verde em constância hipnótica por onde ponha o olhar. A travessia da baía ou do rio é seu relógio, seu calendário. Sua passividade, preguiça, indolência, placidez, alheamento vêm mesmo é das trilhas longínquas de um Brasil onde quem decide, quem aperta o laço dos destinos rima discurso vazio e distante das soluções.

Pôr sob mira, ajustar no centro do visor o Ver-O-Peso, esse lugar insistentemente revisitado, mas a ser sempre redescoberto, revelado e dignificado - sem inoportunas descaracterizações - impõe lançar fartos fachos de lucidez sobre os volteios de uma engrenagem ampla e intrincada que aperta agressivos e delicados, visíveis e imperceptíveis emaranhados dispostos a partir de uma totalidade espantosamente pródiga, uma floresta e um rio-oceânico sem par, um mundo regido por forças pendulares entre o belo, o sublime e o horrível, insuportável; entre a vida, o mais, o excessivamente mais e as penúrias do desposuimento, estes pólos paradoxais configurando as marcas históricas do grande empório de tudo, a Hiléia - este um nome, no dizer dos naturalistas Alexander von Humboldt e Aimé Goujaud Bonpland.

No mesmo século em que Francisco Caldeira Castelo Branco vencida águas infindas e brenhas nas campanhas conquistadoras contra os franceses já assenhoreados de São Luís do Maranhão, eles também cobiçosos dos tesouros gerados e guardados pelas possantes águas do Mar Dulce, o poeta baiano Gregório de Matos Guerra escrevia estes versos que ressoam como uma expressão poética posta a refletir sobre o jeito como a totalidade, a de um tudo desmesurado, que aflora do ventre das matas e dos rios amazônicos, conflui para o comércio da feira libérrima do Ver-O-Peso:

*O todo sem a parte não é todo,
A parte sem o todo não é parte,
Mas se a parte o faz todo, sendo parte,
Não se diga, que é parte, sendo todo.*

De fato, tomado em si, o complexo do Ver-O-Peso autentifica, qual representação minimalista, diversidade, o difuso, confuso do todo amazônico; e, não obstante ser parte mínima, encena no reduto de sua esfera as torções, contorções, distorções da totalidade dentro da qual está encravada como parte do todo e o todo na parte. A começar pelo contorno geográfico a desconsertar desde os primeiros chegantes aos remotos rincões dos nortes, muitos também os primeiros audazes

cronistas das sagas fundadoras e reveladoras, até os cientistas das idades de agora, todos ávidos por mapear, divisar, limitar os fluxos embaraçados de águas plácidas, silentes ou estrondosamente a correr daqui para ali, calmas ou bravias, produtoras, elas também, do humo que nutre e agiganta. Ou que deveria nutrir mais e agigantar.

São dos primeiros navegantes e aventureiros de vária causa, conquistadores de paços, espaços, conquistadores de gente, de almas, os vívidos depoimentos sobre os ganhos e também sobre as derrotas no então sem rumo das águas dos nortes. Oceano ou rio? Era um dilema. Mar, Pará, Maranhão? Em carta de 1654 enviada do Pará a José de Moraes, padre provincial do Brasil, o padre Antônio Vieira faz um relato curioso do que compreende como castigo divino. Duzentos paulistas e uma leva de índios sujeitados, saem em 1649 à caça dos índios Serranos distantes de São Paulo muitas léguas sertão a dentro. No caminho, saqueiam, aprisionam, matam, esfolam índios e índias mesmo os muitos "descidos" pelos jesuítas à província do Paraguai. E prosseguem até serem rechaçados e desbaratados, após o que

Andando em demanda de novo e mais breve caminho, encontraram um rio não mui caudaloso, que, por indícios de uma [gaivota] entenderam estavam perto do mar. Resolvem-se a buscar por ele a costa do Brasil, e a fabricar embarcações para navegarem, que para tanto traziam oficiais e instrumentos. Lançadas as canoas à água, ao terceiro dia se lhes sumiu o rio entre uns juncais; mandaram descobridores a buscá-lo, e depois de três dias de jornada tornaram a dar com ele, mas distante do lugar onde se lhe tinha escondido [...].

Embarcados segunda vez, se lhe renovou o primeiro indício com verem surgir e mergulhar [alguns] botos [...]. Aos oito dias de viagem deram na madre do rio, e, navegando por ele [coisa que, se não tivera tantas testemunhas, parece indigna de todo o crédito], gastaram onze meses inteiros na navegação, sem saberem para onde iam, até que, aportando à fortaleza do Gurupá, conheceram que tinham descido pelo rio das Amazonas abaixo.

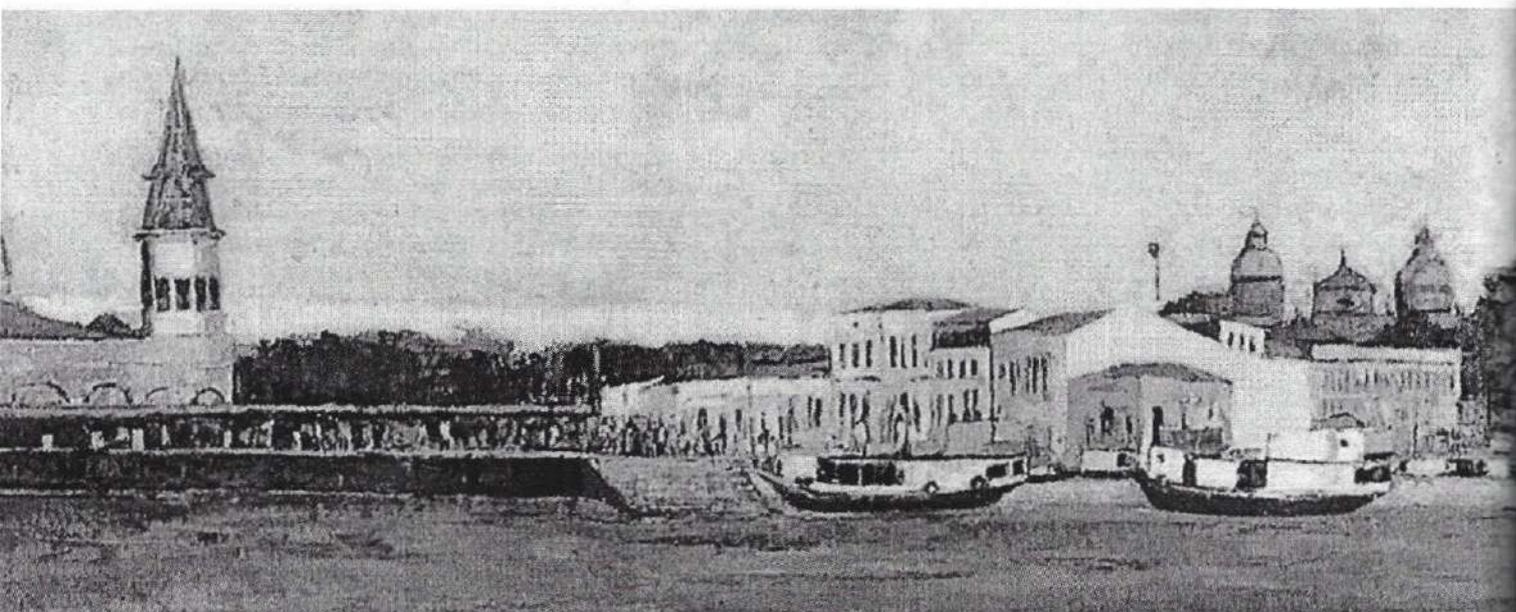
[In, VIEIRA, Antônio. Cartas I, coordenadas e anotadas por J. Lúcio de Azevedo, Lisboa, INCM., s/d, p.396]

Como se vê, tomado o ano de 1500, foi tardia a definição de rotas para o Norte. Data de 1616 a primeira e decisiva investida lusitana ao assentamento da base militar para corporizar a posse do estuário à foz do Amazonas, o que significou a detenção de quase absoluto e integral poder sobre a bocarra, o boqueirão de entrada aos recônditos da floresta Amazônica. Em 1649, singrar essas águas significava ainda enfrentar antes os desconsertos, os desassombros suscitados por uma geografia desconhecida. É isso que fica dito no depoimento do padre Vieira.

Hoje, ano 2000, vencidos tantos séculos, tão bem instrumentado com aparelhos da mais indiscutível precisão, o homem mantém-se ainda imerso em dúvidas quando se trata de cartografar os acidentes, cursos, decursos da Amazônia, regida por caudais cujos perfis transformam-se, interpenetram-se, fluem, refluem sem cessar. Na compreensão de Euclides da Cunha (À margem da História, In, *Obra Completa*, I, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1995, p.253), na conjugação dos rios da Amazônia, o maior de todos, o mais possante, assustadoramente possante, é "o rio [Amazonas] que sobre todos desafia o nosso lirismo patriótico, é o menos brasileiro dos rios. É um estranho adversário, entregue dia e noite à faina de solapar a sua própria terra". E para a floresta que contempla aquele que a umedece e solapa sucedem-se as

cultural; postou-se na perspectiva tomada das ilhas confrontes à doca e ao porto; correu as margens, pôs-se a olhar de dentro pra fora, ao largo e vice-versa, matutou observando as minúcia *in locu*, refletiu considerando os registros das novas e passadas eras. Mesmo assim se desvaneciam seus esforços de precisão científica e lógica face à natureza indistinta, complexa, do terreno sobre o qual Francisco Caldeira Castelo Branco erigiu o Forte do Presépio. Sim, por imposições militares, estratégicas, fora escolhido aquele sítio destacado, elevado, consideradas as terras planas dominantes naquela paisagem. Contudo, conclui Eidorfe Moreira:

Apesar dos seus contornos definidos, essa peça basilar da paisagem belemense tem suscitado



"Ver-o-Peso I", 1970. MELLO, Benedicto. Óleo s/tela – Acervo MAB

nomeações que, listadas, constroem a antítese que define o jogo entre o bem e o mal, resumo de opostos que definem até hoje as suas relações humanas. Eldorado, Inferno Verde, Paraíso Tropical, Terra da Promissão, "Última página do Gênesis", Celeiro do Mundo, Pulmão do Planeta. O Ver-O- Peso, como parte e síntese, sobrecarrega-se dos mesmos contrastes, paradoxos, que estão no todo e estão na parte que inscreve as contradições do todo.

Dentre os que se detiveram no estudo das especificidades de uma Belém amazônica, Eidorfe Moreira destacou-se como o arguto polígrafo assinado por insaciável curiosidade e abalizada envergadura científica. Assim é que se dispôs a espreitar com rigor os ângulos, mesmo os sutis, do Ver-O-Peso, o recanto mais característico da cidade. Examinou-o sob todos os pontos de vista, devassou-o tomadas as juntas do traçado geo-sócio-econômico-político-

*dúvidas e controvérsias a respeito de sua qualificação geográfica. Uns consideram-na ponta, outros chamam-na pontal, havendo também os que a classificam como península. (In, *Obras Reunidas de Eidorfe Moreira*. Belém, Conselho Estadual de Cultura / Secretaria de Estado de Educação/CEJUP, 1989, p.57*

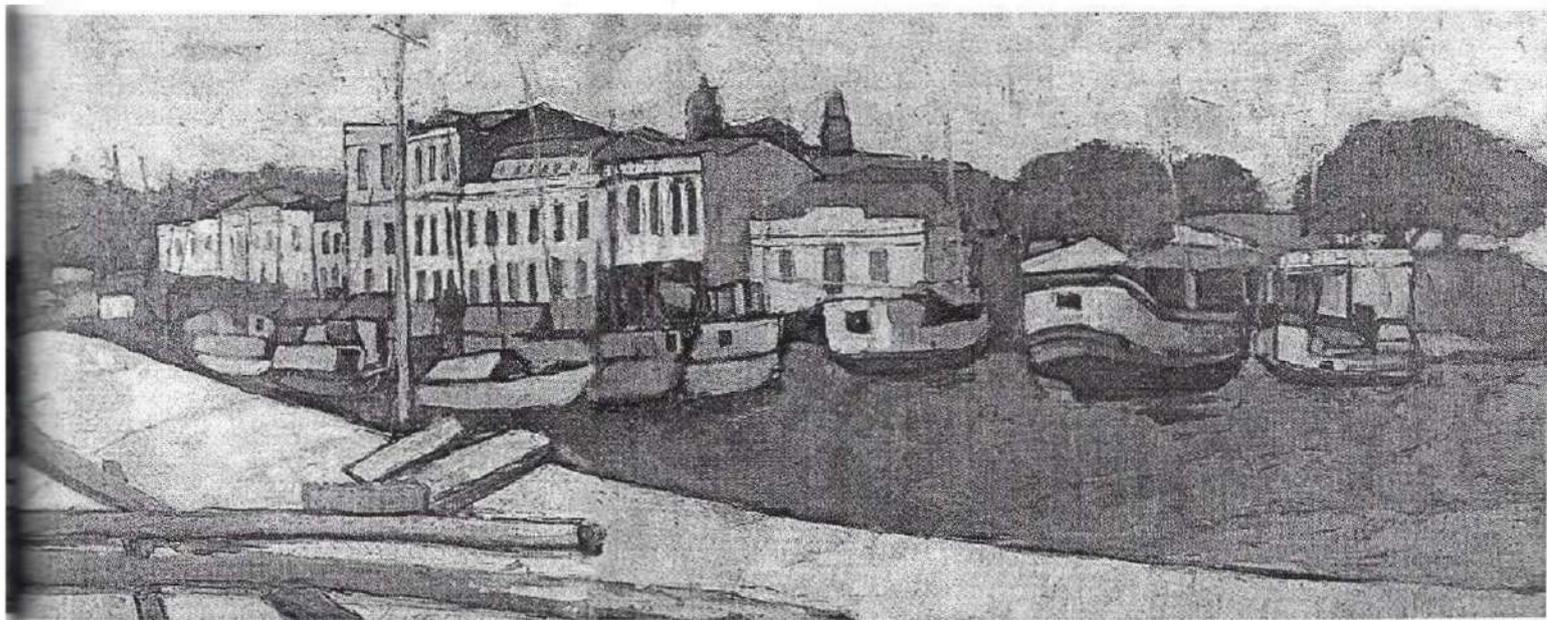
O certo é que a paisagem originária transformou-se por ação do homem. A moda era aterrar água. E aterraram o que foi uma delicadíssima e astuciosa arte da natureza: justapor águas opostas num único ambiente, sendo, ao mesmo tempo, unas e diferentes. Com o aterramento do Igarapé do Piri, a ponta, pontal em ressaltado na enseada rasgou o corte de uma doca, a doca do Ver-O-Peso, permanecendo, no entanto, na história invisível das coisas, a força daquele enlace no nome Ponta do Castelo.

Esta discussão se valida pelo afã de alcançar do mais característico local de Belém uma descrição precisa, nítida, sem turvações, velamentos, conforme preceitua o ideal científico, o qual, tendo em conta as incríveis movimentações operadas pela natureza amazônica, termina por ser apenas um ideal. A não ser por força de avançados satélites sobrepostados com o fim de assinalar a disposição íntima daquela natureza sempre em mutação. Ou a não ser que se naveguem trilhas poéticas como a de que se valeu, por exemplo, um Mário de Andrade abismado com os exageros da paisagem à chegada a Belém:

Que posso falar dessa foz tão literária e que comove tanto quando assuntada no mapa?... A Imensidão das águas é tão vasta, as ilhas imensas

entranhas da maior floresta do mundo, o Ver-O-Peso excede o seu reduto de movimentação. É um espaço por onde ressoam ainda tantos gestos índios. Por mais que tenham sido muitos os cuidados dos portugueses na fixação de um padrão seu na língua, na arquitetura, na culinária paraense, caldeavam-se sempre os elementos postos em conjugação. De modo geral, o Pará é muito lusitano, muito europeu, mormente na arquitetura dos primeiros séculos. Mas o Pará é muito, muitíssimo índio, mormente no Ver-O-Peso. Ali se sobrelevam os valores nativos apesar das linhas européias impressas no talhe maior e nos detalhes das edificações que abrigam o comércio. Prédios de ferro, líricas quatro torres levíssimas apesar da rigidez do ferro.

Torres poéticas fincadas em água de barro



"Ver-o-Peso IV", 1992. MELLO, Benedicto. Óleo s/tela – Acervo MAB

por demais ficam no longe fraco que a gente não encontra nada que encante. A foz do Amazonas é uma dessas grandezas tão grandiosas que ultrapassam as percepções fisiológicas do homem. Nós só podemos monumentá-las na inteligência. O que a retina bota na consciência é apenas um mundo de águas sujas e um matinho sempre igual no longe mal percebido das ilhas. O Amazonas prova decisivamente que a monotonia é um dos elementos mais grandiosos do sublime.
(In, Turista aprendiz, p.61)

É a partir da enormidade, do intrincado, do multivariado, do dinamismo cíclico ou pontual, regular do mundo amazônico que se deverá focalizar a feira do Ver-O-Peso como expressão da cultura indígena cujo interesse extrapola o espaço limitado da feira. Como exposição que remete a um saber primordial, como exposição daquilo que se gera nas

distantes dos remotos castelos de contos de fada europeus. Sim, as quatro torres lembram paisagens medievais européias, mas marcam a paisagem amazônica, como se fossem branduras, maciez no vigor das águas. De pouca altura integram-se na planura reinante quais ponteiras, cimeiras de torres medievais. São uma concepção arquitetural concebida por inteligência d'além-mar, o que quer dizer: num abrigo feitos em moldes europeus, um mercadejador caboclo estabelece comércio de coisas nativas, originariamente índias.

Afinal, o que se vende no Ver-O-Peso e não advém das matas e águas é o produto beneficiado, cosmopolita, industrializado, integrado em qualquer rede de comércio municipal, estadual, nacional, internacional. Esse produto também vendido em qualquer outro lugar está presente no grande Ver-O-Peso com vistas voltadas para o homem que se entranha no interior.



É mercadoria para suprir as demandas do interior, que não planta o feijão, o arroz, o milho e nem fabrica panelas e utensílios de alumínio. E então se observa que o nome Ver-O-Peso tem abrangência larga. Vai de onde a que ponto? De qualquer modo, reduza-se o foco às cenas da feira.

Como os rios amazônicos que repontam não se sabe bem onde, é impossível marcar o local exato onde surgem as embarcações que cruzam, num vir e ir incessante, o largo dos

70 quilômetros de boca, essa imensa chanfradura corniforme [que] penetra profundamente pelas terras adentro, semi-contornando a ilha de Marajó a leste, sudeste e sul. No seu trecho inferior, mais parece um pequeno mar do que uma foz, e nesse sentido será acertado considerá-lo o "mar" comercial da cidade.

(In, MOREIRA, Eidorfe. Obras reunidas vol 1, p.63)

Desse mar o mercadejador se lança ao "mar comercial da cidade". A chegada se dá muito antes do amanhecer e os primeiros ruídos do comércio indicam o desembarque e a instalação para que tudo esteja a contento às exigências do comprador.

O Ver-O-Peso guarda sempre grandes surpresas mesmo àqueles que o freqüentam com assiduidade. Normalmente o paraense carrega imagens fortes de um Ver-O-Peso da infância. Duas imagens infantis são impressionantes, lembranças peregrinas que retornam vez por outra imotivadamente e sempre ao estar, passar pelo Ver-O-Peso. Veja-se a recomposição de duas imagens. Um homem chega sempre da Ilha das Onças para breves estadas em Belém. De poucas palavras, é efusivo no olhar com firmeza. Nem bem chegado, acomoda os pertences na casa da irmã. Mal distribui os presentes às crianças, um pequeno jabuti, uma perema, um cofre de barro em formato de tartaruga, um painezinho de camapu, um feixe de ingá, frutas, mangaba, pupunha, uxi, umari, cotite.

Mal chega, tem precisão, carece de ir ao Ver-O-Peso, para compras inusitadas. Num átimo ele está exatamente ao lado do mercado de peixe sentado confrate a um pequeno espelho de moldura avermelhada. Mostra-se grave, mas seus gestos são serenos. A sobrinha, companheira nas deambulações pela feira, está atenta a tudo. Não lhe escapam os mínimos gestos daquele homem comedido nas palavras. As armações dos óculos, os aros de tartaruga - ou imitações de - são quase todas iguais. É freguês pra cá, freguês pra lá. A menina, o freguês comprador e o freguês vendedor ficaram abstraídos dentro da memória, como se ao redor nem houvesse a feira, o bulício de mil passantes, a algaravia dos reclames sonoros sobre o que comprar. Ninguém dentro da cena abstraída da paisagem parece ter pressa. É interminável a ação de pôr e tirar óculos. Dir-se-lá uma ação mecânica a meticulosa experimentação. Mas o homem, impertigado e solene, olha de perto, circunvaguelo os olhos, estende a vista ao longe. Quando se olha ao espelho, alteia o tronco, faz-se sobranceiro, dobra um pouco de lado o rosto, embora os olhos mantenham-se fitos na face do espelho. A menina não consegue saber se o homem mira os óculos sobre os olhos ou mira o rosto refletido. A cena do homem chegado da Ilha das Onças, oftalmologista de si mesmo, sentado frente a uma banca repleta de óculos de aro de tartaruga, no Ver-O-Peso, não se desfez. O espelho daquela reflexão dentro da claridade da feira, a inteligência prática daquela cena cabocla mantém-se numa retina invisível.

O quadro segundo acontece a poucos passos da banca onde ficaram, por parte do pagamento, os óculos do homem. Espalham-se arrumados num calçamento junto a uma parede romances de cordel. Por sobre as figuras coloridas da capa correm investigadores os olhos do homem. Com lentidão vão sendo separados alguns folhetos, um a um. Vale a capa, a ilustração da capa e o título. Ele se põe a ler em voz baixa, num quase sussuro. A menina malmente escuta. Ela se contorce aproximando o ouvido da boca do homem. Ele percebe-lhe o gesto. Agora ela distingue as palavras e a cadência de versos. O homem resmunga alguma coisa. Alguns cordéis retornam imediatamente à calçada. De volta a casa ele recitará os romances. *A História da princesa Rosamunda ou a morte do gigante, O verdadeiro romance do herói João de Calais, A donzela Teodora.* A memória daquele Ver-O-Peso revive.

Ou seja, há sempre um dentro nos dentro do Ver-O-Peso. Uma memória, um lanço possível. Ali se vende o mais incrível inusitado. E ela se adapta aos novos tempos. Ela não comporta mais bancas de óculos. Venda de cordel existe ainda, uma tão-só, contudo, desgarrada, constringida entre pescados na enseada da antiga Beira da Praia, misturada aos embarcações que chegam com carregamento de

peixes, muitos tratados, limpos, escamados ali mesmo. Por que os cordéis terão saído das laterais do mercado de ferro? Quem nestes tempos televisivos de *fohans* lê os cordéis ressaídos da Idade Média? Mudam-se os tempos, mudam-se os leitores? Vende-se ainda no Ver-O-Peso a "Donzela Teodora" em cuja capa se imprime uma beldade de televisão. A Teodora de hoje tem a roupa entreaberta, enquanto a donzela da história mantém-se a mesma do outro tempo.

Histórias fabulosas podem ser imaginadas ao simples manter-se ali aquela feira abastecida com produtos extraídos dos recônditos da Amazônia. Num roteiro iniciado na Ladeira do Castelo, desagua-se logo num império de açai. Uma feira menor que existe dentro da grande feira é toda destinada a esse fruto, em caroço ou já batido em sumo, em estabelecimentos situados na própria feira. Por perto acomodam-se os objetos de barro vindos de Abaetetuba. A aura dos excelentes oleiros indígenas de quem herdamos a cerâmica marajoara e tapajônica deve continuar dirigindo os movimentos da mão de que brota a cerâmica abaetetubense. Como exímios ilustradores, sempre a juntar cores e desenhos nos utensílios de barro usados nos afazeres práticos, os índios parecem também comandar de longe a idéia de salpicar singelas flores coloridas nas bilhas, nas moringas, nos potes, nos objetos amontoados - sem que se quebrem - naquela margem.

Caso se continue seguindo na passarela da Beira da Praia, é necessário abrir caminho entre a profusão de pescados, mínimos e imensos, peixe seco, peixe fresco, de escama, de pele, de água doce, de água salgada, de águas pantanosas, estes apesar de saboríssimos nem sempre vistos com bons olhos, como o tamuatá ou o jeju, este um peixe cuja fêmea, segundo a crença cabocla, menstrua como as mulheres. É daí desse império de pescados que provém a má fama do Ver-O-Peso malcheiroso, lamacento, nauseabundo, um aglomerado de que participa também o urubu, uma ave hoje malvista embora em tempos outros tenha sido considerada presença benvista, tendo louvada acolhida como elemento saneador. É impossível comercializar peixe inodoro. A natureza não produziu essa matéria. Qualquer centro pesqueiro do mundo recende a maresia, a peixe, marisco, que o falar tupi sintetiza na palavra *pitiú*. Apesar de o conhecimento sobre a técnica de anular odores encontrar-se em progresso, é risível pensar em abafar a atmosfera *pitiú* de um só canto da feira, do mercado de peixe.

Sobre isso, grassa na cidade uma injustiça ao Ver-O-Peso, malquisto pelo cheiro. É preciso ver a feira a partir do encontro de opostos que a individualiza como um dos locais mais extraordinários do mundo justamente pelo sim e pelo não, pelo tudo e pelo nada, por abrigar um recanto cheirosíssimo repleto do redundante cheiro-cheiroso e de patchuli, catunga-de-mulata, alecrim, manjerona, macaca-poranga,

pataqueira e outros e outros cheiros cheirosos que brotam do imo das matas.

Num outro lado quase oposto está o fodor, o *pitiú* invasivo dos pescados sem o qual nem sequer se poderia pensar em pesca. Mesmo assim, quem vai à compra nesse local, pode observar que as áreas de venda vão sendo lavadas antes mesmo do fim do comércio. Daí o molhado, a lama, o urubu em devoração das entranhas jogadas ali na maré vazia.

Quanto ao urubu, a essa contumaz figura, permanência na enseada que se povoa de velas coloridas, talvez por vestir-se da negrura do luto fechado (para apresentar-se a caráter no exercício da função que desempenha junto à matéria orgânica em decomposição?), seja compreendido como ave maldita. O seu vôo de rara altivez e elegância sobretudo quando plaina, paira seu negror, entre as nuvens coloridas do arrebol do fim do dia, verdadeiramente entenece. O poeta Antônio Carlos Maranhão captou essa beleza em *Dança das águas*, música gravada pelo artista Eduardo Dias, no Cd *Curumu*: "É tarde, é baixa-mar, no Ver-O-Peso/ que abriga os barcos cedo/ na maré da preamar./ E os urubus, famintos anjos negros,/ cansam do céu e vêm à lama descansar". Enfim, a presença do urubu no Ver-O-Peso desperta sanhas antiecológicas misturadas com preconceito ao escuro, uma raiva gratuita e compulsória. E desejam o sumiço da ave que deveria ser elevada pelo próprio paraense, fiel mantenedor de um Ver-O-Peso, magno reino do bendito peixe e

Canoas do Ver-o-Peso



seu pitiú, à condição de saneadora, condição reconhecida e valorizada outrora, como o comprova trabalho sobre uma Belém dos primeiros arruamentos, publicado nos *Anais do Arquivo Público do Pará*. O estudo mostra como se sabia conviver com aquela ave, respeitada como aliada do homem nos trânsitos das assepsias, uma ave acolhida como bicho limpador, uma espécie de lixeiro vivo, exatamente como se manifesta quando se banqueteia no Ver-O-Peso. Por que o bicho homem racional estabelece, até para os animais, gratuitos padrões de nobreza e ignomínia? Talvez não seja promissor à manutenção da feira o dia em que os pescados cheguem limpos a Belém. Que Ver-O-Peso será esse sem pescadores estripando o peixe que vendem, o peixe que se come? Que Ver-O-Peso será o Ver-O-Peso sem a bulha dos urubus cuja ânsia é unicamente devorar as entranhas malcheirosas e desprezíveis do peixe?

Passada a incrível concentração de velas coloridas, de pescados para todos os gostos, de urubus, de homens madrugadores, suados, largados em breve repouso sobre os barcos à espera da enchente da maré que os levará de volta à morada além das águas e das matas, alcança-se o território das ervas, das plantas, dos matos, tudo servindo para chás e garrafadas miraculosos. São insuspeitadas as ofertas na feira que se abre por trás do Mercado de Ferro. Ervas para os males do corpo, para dores, incapacidades físicas. E para as dores invisíveis, impalpáveis, centradas nas zonas misteriosas do corpo não físico, no imponderável dos seres. A incrível reunião de ervas curativas induz a imaginar uma legião não acadêmica de boticários, químicos, farmacêuticos, fisioterapeutas em gabinetes e laboratórios invisíveis manuseando a medicina das matas suspensas e a das matas rasteiras, esses pajés e curandeiros de hoje, processando um saber que remonta aos pajés e curandeiros de um Brasil primeiro. Junto às ervas, há um mundo de - literalmente - bichos, cobras e lagartos, um zoológico medicinal dedicado ao sonho das crenças. Esse é um comércio de fragmentos, de partes de que poderá advir o fim dos aborrecimentos, dos malefícios, males do corpo e da alma por conta de, pode ser, um fiapo de ninho de coré quem sabe do ninho do Japilim, uma nesga de couro de cobra, um dente, uma parte das partes do boto, da bota, ou uma raríssima e improvável pena do uirapuru.

Ao sair desse zôo-herbário incomum, estação de bichos e plantas vivas e dessecadas, um zôo-herbário comercial, pode-se ver o tratamento da maniva, o saco de farinha, muita comida, peixe sendo frito. O cheiro saboroso excita todas as gulas nesse Ver-O-Peso cheiroso. A paisagem dentro de que se arruma a flora mágica sob posse de vendedores jurando pôr fim às dores do corpo e da alma, o cheiro-cheiroso excitando os desejos indefiníveis, o

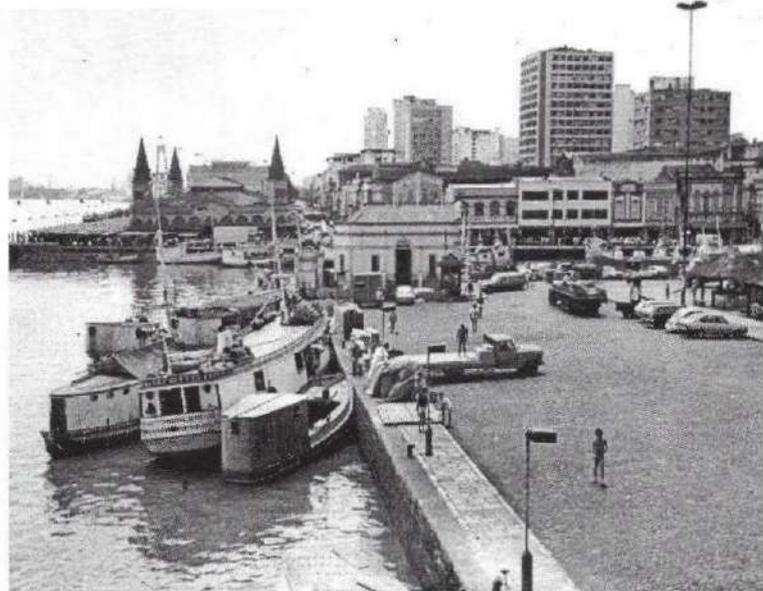
alimento preparado e consumido ao ar livre, isso tudo poderia sugerir a existência de um espaço edênico. Mas, essa é apenas uma sugestão. Desfeito o enleio, a vista alcança uma fileira de barraquinhas na calçada da rua por onde se pode sair da feira. As barraquinhas demarcam um horroroso campo visual, são manchas, máculas, a prova viva de uma contradição maior que excede as raias do Ver-O-Peso, pois "vêm de longe", de um longe, temporal e espacialmente distante, como as canoas do poema *Ver-O-Peso* do notável Max Martins. A contradição sócio-econômico-política ganha uma visibilidade palpável quando se expõe na feira ao situar, num ritmo pontuado por tensões, a impressionante fatura amazônica a par de um desposseimento tão agressivo e pedinte que por ali também aporta. E assim, no agenciamento de todas as suas faces, as grandiosas e as lamentáveis, no conjunto de seus sublimes e de suas feiúras, o Ver-O-Peso se constitui também como o pródigo veio desencadeador do engendramento estético; como despertador do ânimo poético, estímulo à criação, consideradas todas as modalidades de arte, apesar de a literatura e as artes plásticas serem as mais devotadas à exploração do local como temática. Artistas de vária técnica e matéria, artistas de expressão diversa, artistas de um tempo recuado, de um tempo recente, de agora, como-veram-se, comovem-se ante as visões, os sons, as vozes, os cheiros, os bens e os males advindos dos meandros do Ver-O-Peso. Uns lhe tecem versos ternos, outros, vozes arrebatadoras; uns lhe decantam as estranhezas, outros se horrorizam com os aspectos tenebrosos, com a miséria, por exemplo, e as penúrias, face à magnitude que percorre as curvas de suas margens. Linhas cômicas, trágicas, tragicômicas, líricas e dramáticas se desenrolam em torno dos elementos que representam os passos de suas histórias. Essa voz se multiplica numa dimensão passível de formar um vasto acervo de valiosas criações nas quais se contempla o Ver-O-Peso nas suas várias inflexões. A extraordinariedade, como empório e espelho do mundo amazônico dentro de que se engasta, faz da feira um incitamento constante. E é sobretudo nas dobras, no desdobramento estético que o Ver-O-Peso tem corrido mundos e fundos; uma (a)ventura pronta a ser surpreendida num movimento temporal fora da progressividade que rege o fluir das horas. Um exemplo: um recuo a 6 de abril de 1654 flagra, o padre Antônio Vieira, o cinzelador de um dos mais belos e fulgurantes estilos em língua portuguesa, na ação de escrever uma carta ao Rei D. João IV. Nas malhas dessa Carta, o missionário aconselha o rei sobre como conduzir as ordens da colônia com vistas a proteger os índios da cobiça "porque as injustiças que se fazem a esta pobre e miserabilíssima gente não cabem em nenhum papel" (A. Vieira, *Cartas*, p.415);

Que todas as semanas ou todos os quinze dias, conforme o número de aldeias, haverá uma feira dos índios, à qual cada aldeia, por seu turno, trará a vender todos os frutos das suas lavouras, e o mais que tiverem, o que servirá assim de que as povoações dos portugueses tenham abundância de mantimentos, como de que os índios levem delas as cousas necessárias a seu uso e se animem com este comércio a trabalhar; e, para que não se lhes possa fazer algum engano nos preços das cousas que lhes forem dadas por comutação das suas, presidirá nesta feira o procurador dos índios[...]
(In: *Cartas I*, p. 417)

Talvez se vá incorrer às desordens do ilógico e ao campo do paradoxo. Ocorre, contudo, que o texto de Vieira se refere a medidas a favor dos índios da Amazônia. O artista o escreve quando se encontra na província do Maranhão e Grão Pará, sempre em longas incursões a Belém, às bocas do rio Amazonas, para alcançar as florestas, moradas do maior contingente indígena das terras do Brasil. Tomado o Ver-O-Peso e consideradas as palavras de Vieira, pode-se depreender da Carta a feira em suas origens. Observe que todos os atores e conflitos de um Ver-O-Peso de agora estão escritos na proposição de Vieira quanto à necessidade das feiras dos índios. Dominador e dominado, proteção à sobrevivência, "vender todos os frutos "e o mais que tiverem" as "miserabilíssimas gentes". A impressão é de que o padre Vieira lia mesmo o futuro, ele que, em 1649, escreve uma *História do Futuro*. Segundo J. Lúcio de Azevedo, vários dos conselhos (aos quais o padre chamou "capítulos") foram acatados e sancionados na Lei de 9 de abril de 1655.

Esse conselho foi acatado, não há dúvida, e a feira paraense o comprova; daí ser lícito remontar a origem da feira do Ver-O-Peso às idéias missionárias do padre, conselheiro do rei, sendo legítimo também dizer que, ainda antes de sua instituição, a feira do Ver-O-Peso raiou como imagem literária possível, como sonho salvacionista, na mente do grande Vieira. Num certo sentido, a feira foi motivação literária antes de existir concretamente. Sim, é na tessitura das palavras desse missionário que está impresso o instante inaugural, o momento fundador, o projeto, a quimera de ir ao encontro da solução que ainda é, até agora, apenas um sonho, uma profecia por fazer-se.

Hoje, quando se vagueia pelo Ver-O-Peso sem obrigações mercantis, em busca de um fascínio, de uma imagem a recompor, de um ângulo oferecido ao devaneio, de um incitamento, pode-se pensar sobre o tanto contido na feira enquanto apresentação e representação, reapresentação de um universo maior que se enraíza em todos os significados assentes, recorrentes, na palavra Amazônia. Salvação, destruição, consciência de preservação, maior



Doca do Ver-O-Peso vista do Forte do Castelo

floresta do planeta, um rio maior, excesso ante a miséria absoluta, extrema beleza, cenas horripilantes, grandes medos, índio a extinguir-se, cultura indígena a esfacelar-se nas vagas das ordens globalizadas, premente e pulsante necessidade de permanência, Ver-O-Peso como repositório de uma cultura amazônica, herança indígena. Não há como não estabelecer uma ponte com os portugueses Antônio Vieira e Ferreira de Castro, com o marajoara Dalcídio Jurandir, com Euclides, estes os grandes registradores das sagas amazônicas, os autores dos registros que souberam aliar as vibrações da história à essencialidade da poesia. E Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Max Martins, Rui Barata, Elizabeth Bishop, Carlos Drummond de Andrade, Benedito Monteiro e tantos outros e suas escritas excelentes que surpreendem, enternecem, ao povoar de cantos as trilhas diversas do Ver-O-Peso.

Um matapi, um leque de patchuli, um leque de penas coloridas, uma peneira de banal e ao mesmo tempo magnífico entrançado, um tipiti prosaicamente pendurado à espera da mandioca, as cujas amontoadas num canto, o paneiro de frutas, mulheres de cócoras desfolhando maniva sob o sol nítido da manhã, a montaria cortando águas barrentas. Tudo isso conduz, por exemplo, ao missionário setecentista que, pela força de suas artes, opera a recondução à anterioridade, ao instante remoto das confecções primevas, à selva onde, exatamente agora, um homem índio escava um casco, labora com precisão e apuro o barro, tece a tala, a palha, miriti, piri; confecciona primorosos ornamentos de pena, esses elementos com o trato dos quais o caboclo de hoje se faz o perfeito artesão. Não, não há como não louvar o escritor que deixou aos vindouros a representação daqueles movimentos ancestrais que de novo se personificam, tanto no saber-fazer legado, quanto nos traços do homem branco, tapuío, pardo, mulato, cafuso, mameluco, os caboclos que, no nascer de todas as manhãs, faça sol, faça chuva, vivem as pequenezas e as magnificências, as ditas e desditas do Ver-O-Peso.